

ESCOLA DE BARBIANA; MILANI, Don Lorenzo. (1967) **Carta a uma professora pelos rapazes da escola de Barbiana**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1977.

Domenica Martinez*

Escrita em 1967, por oito rapazes estudantes da escola de Barbiana, na Itália, a obra é um relato não só de uma experiência educativa, mas, também, uma crítica cirrada à Educação. Em verdade, o texto foi editado por Don Lorenzo Milani, protagonista dessa experiência, o qual utilizou-se de características da personalidade, ou da história de vida de oito rapazes, que já haviam fracassado em sua vida escolar, para relatar os fatos, descobertas e reflexões acerca da experiência que tiveram em Barbiana, enfim, para descrever os conceitos sociais necessários para realizar a crítica à escola e à sociedade da época. Exemplo disso é o conceito de timidez reposto em grande parte do texto, inicialmente exposto como parte do caráter de um dos estudantes, que aos poucos vai servindo de explicação para evidenciar características das relações entre professor e aluno.

O tema central do texto é a injustiça social, caracterizada pelos embates entre duas classes sociais: a dos ricos e a dos pobres. A educação escolar é colocada sob o olhar dos autores como um dos principais pilares de sustentação dessa injustiça, por ser considerada a fonte de cultura necessária à ascensão social ou, quando há uma falha nesse processo de aculturação pela educação escolar, a fonte responsável pelo fracasso social, sendo essa falha a impossibilidade do acesso à escola, a evasão escolar, ou mesmo as dificuldades cognitivas dos próprios sujeitos faticamente diagnosticadas pelos professores. Partindo do objetivo de evidenciar as injustiças e desigualdades sociais outros temas e conceitos são explicitados.

É interessante ressaltar a linguagem em que o texto foi redigido: com exageros, ironias e palavras de baixo calão, o que aproxima o leitor das críticas feitas à educação escolar, identificando o ódio desses rapazes como sentimento de revolta contra o formato da escola da década de 1960, na Itália. Aliás, além do estilo da linguagem ser

Recebido em: 12/09/2012 – Aceito em: 19/10/2012

* Mestra e Doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade - PUC/SP. E-mail: prof.domenica@gmail.com



distinto nesse relatório, há, também, o reconhecimento por parte dos autores a respeito da importância da “palavra”, do domínio da língua, como sinônimo de poder. Sobre isso dizem: “quando todos possuímos a palavra, então os arrivistas poderão seguir seus estudos até onde quiserem. [...] O que é importante, é que não se sirvam de uma fatia de poder muito grossa como têm feito até agora” (p. 112). Nota-se, portanto, que o texto faz da linguagem, ao mesmo tempo, acessório e parte constitutiva de críticas, difundindo as reflexões acerca da escola com argumentos sustentados pelo exemplo que é a própria existência da obra que escreveram.

Afora linguagem, também merece destaque o uso das estatísticas. De modo peculiar os autores dispuseram gráficos e quadros por meio dos quais organizaram e expuseram dados a respeito dos argumentos que fazem sobre a frequência e participação escolar de estudantes. Com isso, pode-se considerar que a obra sustenta críticas conscientes da situação em que esses rapazes viviam, quando são utilizados dados divulgados por instituições oficiais da época. Percebe-se que a experiência escolar que tiveram em Barbiana não foi superficial. Os rapazes foram levados a desenvolver suas capacidades cognitivas para realizar as reflexões de modo aprofundado, indo além da superficialidade promovida pela escola que eles mesmos criticaram e deixaram registrado no texto. É interessante identificar que a obra é resultado de uma experiência escolar que considerou os estudantes capazes de organizar dados e interpretá-los por meios abstratos como o são os meios estatísticos, a fim de sustentar e, portanto, canalizar o sentimento de revolta contra a mesmice egoísta da vida instaurada pelas instituições sociais. Ao mesmo tempo em que ressaltam o uso das estatísticas, aproveitam para apontar à professora seus equívocos quanto ao julgamento que faz em relação à capacidade cognitiva de um de seus alunos.

Todo o texto nos leva a pensar que está bem fundamentado e é exposto de modo que o que é quantitativo está atrelado ao que é qualitativo, a lógica linguística é atrelada ao conteúdo do relatório, a ironia e a revolta típicas do espírito jovem é atrelada à crítica feita à “prisão de espírito” pela educação escolar. Isso tudo voltado à perseguição do desvendar das injustiças sociais por quem se identifica como parte delas e faz algo para transformar a vida, nem que seja pela liberdade de pensamento por meio de estudo que coloca em xeque a situação em que se vive.





Além dessas características dos recursos lingüísticos e estatísticos utilizados, são vários os fatores apontados pelos autores como determinantes de uma sociedade em que há injustiças e desigualdades sociais.

Os autores colocam-se como pertencentes à classe dos pobres, a qual deve ser recolocada na sociedade, o que não é de se estranhar haja vista suas inspirações nos anarquistas da época . Definem as classes sociais como: “um pobre é alguém que gasta tudo o que ganha. Um rico, alguém que só gasta uma parte” (p. 79).

A revolta e o reconhecimento da injustiça entre as classes fica evidente quando identificam o pensamento de que os pobres são a força motriz para a sustentação econômica dos ricos, fornecendo praticamente de graça toda a energia que têm ao trabalho e, portanto, à economia. Nesse meio de desigualdades sociais, a condição social do jovem sujeito determina sua oportunidade de acesso à escola, o que, por sua vez, determina sua vida futura. Quem pertence à classe abastada prossegue uma vida de bem aventurança; os que nasceram em “berço de capim”, provavelmente só terão pela vida a roça e o impedimento de “ideias novas”, o que é mal visto pelos autores, uma vez que consideram o “estar na roça” algo que está aquém da opção de vida. Consideram a vida rural, quando fechada em si mesma, uma condição de improvável mudança devido a decisões políticas influenciadas pelos ricos.

Os autores também identificam uma discriminação contra os pobres, sustentada pelos argumentos de que são “preguiçosos e cretinos” e que, por isso, não necessitam de formação escolar, enquanto os filhos dos burgueses são privilegiados na escola, independente de sua disposição cognitiva, moral ou emocional. No raciocínio desse mesmo argumento, afirmam que as condições profissionais dos pais, especificamente a do pai, são fatores determinantes à formação escolar. Pais operários, por exemplo, que têm a possibilidade de planejar uma formação escolar a seus filhos “fazem das tripas o coração para conseguir ter filhos na escola durante dez ou onze anos” (p. 69).

Em contrapartida, quando se tem luta de classes reconhecida socialmente, o que é feito pelos ricos que se incomodam com as desigualdades sociais, presencia-se ações “distintas”, pois “quando os senhores finos se ocupam da luta de classes [...] não escandaliza nem os padres, nem os professores que lêem o Espresso [L’Espresso: semanário de esquerda que está muito na moda]” (p. 85).





A respeito disso os autores são firmes em suas colocações e não cedem em pensar ingenuamente sobre sua situação social, nem mesmo quando notam que há movimentos sociais favoráveis à crítica das injustiças sociais. É clara a convicção de que a escola favorece os ricos e de que se há uma mudança em vista ela é inerte ao movimento dos favorecidos: “não, o ensino não paira acima das classes sociais como este diretor pretende. É o ensino dele que é alheio às classes; está apenas ao serviço dos que têm dinheiro para continuar” (p. 92). Ainda com afirmações de desconfiança, escreveram: “há que desconfiar das palavras: as instituições mais marcadas pela política de classes dos ricos são precisamente aquelas que, segundo os mesmos ricos, não têm preconceitos de classes” (p. 104).

No que se refere à distinção entre os ricos e os pobres, os autores são convictos de que não há uma Pedagogia perfeita, mesmo a disposta nas entrelinhas do que escreveram ao criticar a professora, a escola, enfim, a sociedade (p. 161). O que esperam das relações sociais, da cultura fomentada pela escola, é o reconhecimento das diferenças entre as classes sociais. Na visão dos autores, não há uma verdade a ser seguida pela humanidade, seguindo um padrão de comportamentos e mantendo-se em uma única forma econômica. A verdade só pode ser realizada com a liberdade de poder pertencer às verdades que se opta seguir. Para isso não se pode ter classes umas sobre (ou sob) as outras, manipulando-se para favorecer a cada um de modo egoísta. É preciso reconhecer-se como parte de uma única “massa”, na qual é permitida diferenciação concomitante às oportunidades e, portanto, a manutenção da justiça social, pois “todas as classes têm sua cultura própria e não há uma classe que tenha mais ou menos cultura que outra” (p. 133).

Outra questão levantada pelos autores que merece destaque é a professora ser responsabilizada pelo sucesso ou fracasso do aluno. Em todas as afirmações sobre o incentivo, a avaliação e o método de ensino da professora é mencionado o favorecimento aos alunos pertencentes à classe rica e o desfavorecimento dos alunos pobres. Sobre os alunos pobres sempre resta a reprovação, ou o “tomar chumbo”, enquanto aos ricos a promoção é inerente à sua condição econômica. A respeito disso são pontuais, afirmando que, ao invés de fazer a sua parte, insistindo no aprendizado do aluno, a professora escusa-se de suas obrigações justificando o chumbo na incapacidade mental dos alunos, fundamentada em “teoria racista de aptidões” (p. 94).





O chumbo e suas razões é um assunto sobre o qual persistem até o fim, sendo tema para muitos de seus gráficos e quadros, pelos quais apresentam o índice de reprovação (pp. 40-43), evasão escolar (pp. 50-54), o número de reprovados por classe (pp. 57-60), o número de ricos e pobres aprovados e reprovados (pp. 61-66), a relação entre trabalho e escola (pp. 67-68). Segundo os autores, chumbar é ser impedido de crescer, de amadurecer (p. 55) e soa amargo desde o início da obra o peso que a reprovação tem para os alunos pobres, filhos de camponeses e operários: “chumbam-nos, mandam-nos para os campos ou para a fábrica e depois esquecem-se de nós (p. 11). Os autores interpretam que o ato de chumbar despropositadamente pelos professores é algo simples de se resolver; os problemas não deveriam recair sobre os alunos, mas, antes disso, a postura dos professores é que deveria ser revista.

Contra o chumbo sugerem como a postura dos que ensinam é simples de mudar pode ser dado com a afirmação: “tinha bastado que a senhora professora lhe dirigisse algumas palavras animadoras e que tivesse lhe dado passagem para o terceiro ano (p. 21)”. Com esse trecho percebe-se a importância dada ao incentivo ao aluno, ou seja, os rapazes apostam o tempo todo no exemplo de persistir e gostar da escola que deveria vir primeiramente dos adultos; os autores “cobram” dos adultos que sejam, de fatos, adultos, o que significa ser, primeiramente, um sujeito altruísta e honesto.

Com a perspicácia de jovens, que estão sempre alertas para captar as mais sutis expressões dos adultos, questionam a desonestidade e o egoísmo autoritário dos professores e profissionais da escola, que acarretam no desgosto por essa instituição. Também reclamam do fato dos métodos de ensino serem impostos. Sobre os métodos, não reclamam apenas pelo fato de serem impostos autoritariamente, mas por serem abstratos, incompreensíveis. Sobre isso, parece não haver saída, pois identificam que mesmo quando substituído o método antigo por um novo oficialmente, a mudança foi superficial; o que mudou foram as palavras, mas a lógica da sistematização dos conteúdos continuou a mesma. Eles reconhecem essa mudança como a chegada de apenas “novas etiquetas” (p. 29).

Se por um lado criticam piamente o comportamento, objetivos e o caráter dos profissionais da escola, por outro são espertos em deixar claro o que pensam que escola deveria ser. Ao definir o que é escola, afirmam: “a escola somos nós” (p. 91). Acreditam que a Pedagogia é “a arte de educar as crianças” (p. 15), a qual, assim como a Psicologia





é uma ciência que só pode ser aprendida na universidade (p. 132). Afirmam que o fim da educação escolar “consiste em compreender os outros e em fazer com que eles nos compreendam” (p. 110). A educação escolar deve ser realizada, portanto, com a máxima dedicação dos adultos aos mais jovens, respeitando os limites e incentivando todas as capacidades, estimulando virtudes opostas ao egoísmo e à falta de liberdade.

Embora a escola pareça ser mais uma prisão de espírito e corpo, os autores entendem que frequentá-la é um privilégio (p. 17) e que a marca da formação escolar, deixada pelas convicções intelectuais transmitidas, é mais forte que a força bruta: “a vossa caneta deixa marcas que não se apagam, nem durante um ano inteiro. A marca de um tabefe ou de uma reguada desaparece ao fim de poucos segundos” (p. 96). Por isso, reconhecem a importância da escola e, inclusive, sugerem que os professores deveriam ser formados diante de comprovada vocação (p. 128), a fim de superar a insensibilidade desses profissionais.

Ao fim de todos os argumentos, podemos destacar que embora tentem encontrar e sugerir fontes de esperança à manutenção da escola, sempre acabam apelando. Identificam a professora como uma sádica contra a qual podem se vingar de duas maneiras: persistindo nos estudos e não chumbando e enviando-lhe uma carta pela qual evidenciam todas as atrocidades cometidas por ela de forma fundamentada, lúcida e clara (p. 160).

Ao longo da Carta são expostas três considerações que podem ser feitas em relação à formação e existência humana referentes ao caráter, sexualidade e revolta.

A respeito do caráter, considerou-se as afirmações acerca da preguiça, da cretinice, da honestidade e da timidez. Sobre a sexualidade, considerou-se afirmações sobre a professora e os jovens voltadas à liberação da libido e ao celibato, além da relação entre homens e mulheres. Já sobre a revolta, fez-se um apanhado das expressões vulgares e de baixo calão utilizadas ao longo do texto, podendo, assim, traçar alguns assuntos que mais impulsionaram a revolta dos autores.

Considerações sobre a obra

Embora escrito em 1967, na Itália, a obra é atual. Após 40 anos a educação escolar está praticamente do mesmo jeito, senão, em muitos casos, pior. Provavelmente se pedíssemos a um grupo de adolescentes para fazer o mesmo tipo de atividade fazendo-os refletir sobre a sociedade, o resultado seria muito próximo. Isso pode nos levar a pensar que o ser humano continua o mesmo.





Mas, para o bem e para o mal, o espírito de revolta dos jovens sempre há de despertar na alvorada do amadurecimento. Talvez tenhamos que dar mais espaço a eles para que possam se expressar, fazendo da produção humana algo mais proveitoso.

No entanto, desnecessário seria permanecer jovem. Podemos amadurecer e tornarmo-nos adultos que, embora não consigam mais criar com encanto ou revoltar-se com firmeza, pode construir. Tal como afirmou Nietzsche: “o melhor de nós é ainda novo: excita os paladares velhos” (1885/2002). Ao passo que os jovens estão na agitação de novas ideias e não têm o equilíbrio necessário para concretizá-las, os adultos podem escutá-las e fomentá-las com o entusiasmo necessário. Enfim, podem promover experiências como Don Milani o fez e Walter Benjamin (1933/1987) já anunciara 30 anos antes, em seu texto *Rua de mão única*.

Ao fim, jovens como eram na época, os autores não dão respostas nem sugestões efetivas, mas questionam o próprio leitor a dar sua opinião; suscitam mais perguntas ao que respostas.

Referências

BENJAMIN, Walter. (1933). *Rua de mão única*. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas** – volume II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ESCOLA DE BARBIANA; MILANI, Don Lorenzo. (1967). **Carta a uma professora pelos rapazes da escola de Barbiana**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1977.

NIETZSCHE, Friederich W. (1885). **Assim falava Zaratustra**. E-Books, 2002. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/RockeEditions/Assim_Falava_Zaratustra.htm>

SENAC. Resenha de livros sobre a Escola de Barbiana. **Revista Educação professor**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, set./dez.2010. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/363/resenha.pdf>>.

STRECK, Danilo R. Angicos (Freire) e Barbiana (Milani): leituras de mundo e radicalidade pedagógica. UNISINOS, s/d, mimeografado. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/sbec/evt2008/trab42.pdf>>.

